

LOPES, Milano. Campinas leva soja à Costa do Marfim. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 25 fev. 1979.

Campinas leva soja à Costa do Marfim

MILANO LOPES
Enviado especial

ABIDJÁ — A Cooperativa dos Produtores de Soja de Campinas, Estado de São Paulo, vai implantar na Costa do Marfim um projeto de produção de 21,6 mil toneladas anuais de soja, envolvendo uma área de 12 mil hectares e investimentos no montante de 60 milhões de dólares, mais de 1,2 bilhão de cruzeiros.

Segundo o presidente da cooperativa, Antonio José Rodrigues, as negociações foram iniciadas no ano passado, mas somente ontem as autoridades do Ministério da Agricultura da Costa do Marfim, e da Cacex, do Banco do Brasil, firmaram o acordo de garantia, que permitirá o financiamento para a compra de equipamentos-tratores e outros implementos agrícolas no valor de 30 milhões de dólares.

PIONEIRISMO

Conforme Rodrigues, o sistema de exploração agrícola, no regime cooperativista, será pioneiro na Costa do Marfim: serão trabalhados seis lotes de dois mil hectares cada um, mediante a organização de uma cooperativa singular, a qual deverá assumir a responsabilidade de cada subprojeto. Uma cooperativa central supervisionará a atividades das seis cooperativas singulares, inclusive coordenando a produção.

Outra particularidade que torna bastante singular o projeto de produção de soja da Costa do Marfim: cada lote de dois mil hectares será entregue a uma tribo diferente, estabelecendo-se entre elas uma espécie de concorrência em torno de quem mais produzirá soja.

A cooperativa de Campinas vai enviar sociólogos à Costa do Marfim para estudar as melhores alternativas de acomodação dos componentes da tribo, pois há algumas delas onde os homens podem possuir várias mulheres e com elas conviver harmoniosamente sob o mesmo teto. Quanto maior for o número de mulheres, maior é o "status" do indivíduo perante seu grupo tribal.

Esse costume, no caso do projeto da soja, tem inegáveis repercussões econômicas: se, de

um lado, quem possuir quatro ou cinco mulheres multiplica sua força de trabalho, pois o costume manda que as mulheres trabalhem o dia inteiro para o homem a quem estão vinculadas, de outro, são maiores as exigências para o sustento dessa singular família.

No caso das instalações físicas, por exemplo, Rodrigues disse que as casas para os indivíduos da tribo que possuem várias mulheres terão um número de quartos, que variarão entre três e seis, para a acomodação de todas, sem problemas, pois, embora seja permitida a convivência de várias mulheres com um só homem, num mesmo teto, cada mulher tem seu próprio aposento. Contudo — e aqui está outra singularidade, chocante para os costumes tradicionais do Ocidente — os quartos não devem ter portas. Os engenheiros pensam em construir uma casa com uma sala, uma cozinha, um banheiro e os quartos enfileirados, numa acomodação entre os costumes tribais e a necessidade de reduzir os custos de instalações físicas.

PRIMEIRO PASSO

Para o presidente da Cooperativa de Soja de Campinas, o projeto de produção de soja na Costa do Marfim — cujas terras tradicionalmente são ocupadas com café, cacau e coco — representa o primeiro e importante passo para a disseminação desse produto em solo africano.

Embora a produção inicial — 21,6 mil toneladas — seja pequena, com um baixo índice de produtividade, cerca de 1.800 quilos por hectare, dadas as condições do terreno, ainda é muito alta em relação ao consumo marfiniano, que é menos da metade. Todavia, é intenção do governo da Costa do Marfim, especialmente do Ministério da Agricultura, utilizar a soja como complemento alimentar da população.

Nesse sentido, despertou grande interesse entre as autoridades locais um trabalho apresentado pela Universidade de Brasília, no I Simpósio para o Fomento do Intercâmbio Comercial Brasil-África Ocidental, destacando a importância do extrato hidrossolúvel da soja

integral na alimentação infantil. Como na Costa do Marfim e, por extensão, em toda a África o índice de mortalidade infantil é de quase 50 por mil, elevando-se ao dobro no interior, e a razão principal é a inanição, um reforço alimentar corresponde a salvar, anualmente, milhões de vidas.

Ainda de acordo com o presidente da cooperativa de Campinas, se todas as providências forem tomadas a tempo, conseguindo-se vencer a emperrada burocracia marfiniana, já em julho, o plantio de soja poderá ser iniciado, prevendo-se para 1980/81 a primeira safra. A partir daí, planeja-se a ampliação da área plantada e a industrialização, através da moagem para produção de leite e óleo de soja.

Para o Brasil, a principal vantagem em abrir mais um promissor mercado, através da iniciativa de uma cooperativa agrícola, representa não só a exportação de equipamentos agrícolas como a tecnologia do plantio de soja amplamente dominada pelos brasileiros.

Iniciativa desse mesmo porte foi tentada em setembro de 1976 no Irã, por meio de um acordo entre a Cotrijuf, do Rio Grande do Sul, e o Ministério do Fomento Agrícola iraniano. Todavia, antes mesmo de caracterizar-se a crise política que resultou no afastamento do xá, o negócio havia fracassado, em face das enormes exigências burocráticas das autoridades iranianas e a quebra de regras contratuais já firmadas entre os parcelos.

Na Costa do Marfim, apesar dos entraves burocráticos típicos dos países subdesenvolvidos, em suas relações com os mais avançados, fenômeno particularmente latente na África como um rescaldo da colonização recente, a transação parece mais firme, notando-se da parte das autoridades locais uma determinação de levá-la adiante.

Embora o financiamento integral dos 60 milhões de dólares caiba à Costa do Marfim, para colaborar no empreendimento, o governo brasileiro, através do Banco do Brasil, vai fazer adiantamento de recursos à cooperativa de Campinas para a implantação do projeto, para depois ser ressarcido.